

MAFALDA: REFERENCIAÇÃO E SINCRETISMO, ENTRE O DESCRITIVO E O NARRATIVO

Thatiana Muylaert Siqueira
Mestranda/UFF
Orientadora: Beatriz Feres

Palavras Iniciais

Ler é dar sentido a vida, é reconhecer, nas entrelinhas do texto, um diálogo estabelecido entre um sujeito enunciador e sujeito destinatário previsto pela textualização. Este processo de reconhecimento e significação do mundo é o que Charaudeau (2014) vai chamar de “semiotização do mundo”. Em suas palavras:

[...] O ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o Objeto do Conhecimento é o do que fala a linguagem através do como fala a linguagem, um constituindo o outro (e não um após o outro). O mundo não é dado a princípio. Ele se faz através da estratégia humana de significação. (CHARAUDEAU, 2014: 20)

A leitura traz ao indivíduo uma visão de mundo que pode, ainda, ser desconhecida por ele, pois através dela, sobretudo, se encontram diferentes significações do próprio mundo. O ponto de vista revelado por um sujeito enunciador e o aceite, ou não, desse ponto de vista pelo sujeito interpretante que está por trás do destinatário planejado no texto trará a interpretação necessária para uma leitura reflexiva e crítica.

Dar sentido e significado aos objetos do discurso é o que levará um indivíduo manipulado a um ser reflexivo; e é esta reflexão que, também, através dos modos de organização do discurso, o conduzirá a ser um leitor proficiente e perceptivo das situações de comunicação.

As atividades de interpretação de texto realizadas na escola básica têm como principal objetivo desenvolver a competência leitora e comunicativa do alunado, de acordo com os PCNs: “A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de

compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc” (1998: 69). Além disso,

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (PCN, 1998: 70)

Neste trabalho, trataremos de alguns aspectos fundamentais para a interpretação de textos verbo-visuais, como a tirinha de Mafalda (QUINO, 2012), objeto de análise. Esses aspectos são os modos de organização do discurso descritivo e narrativo (CHARAUDEAU, 2014) e a referenciação (KOCH, 2010), como será visto a seguir. Após a apresentação sucinta desses aspectos, será analisada a tirinha a fim de corroborar a importância de conhecimento do processo de construção de sentido textual para a compreensão da atividade de interpretação de texto na escola.

Modos de organização do discurso descritivo e narrativo

Ao nos comunicarmos, estabelecemos conscientemente o que iremos dizer e a quem estaremos falando. Nenhum ato de linguagem é sem intenção; a todo tempo estamos condicionados ao convencimento do outro, ou seja, fazer com que o nosso destinatário reconheça as “verdades” ditas, para que assim, se convença na encenação comunicativa.

Para que isso ocorra, estabelecemos regras, mesmo que de forma inconsciente, de estratégias discursivas para que a finalidade do discurso desejada seja atingida. E para isso, nos organizamos em “modos”. Modo do que dizer, de como dizer, para quem dizer e qual a finalidade deste dizer. O professor Patrick Charaudeau organiza esses modos e versa sobre os Modos de Organização do Discurso.

Os Modos de Organização do Discurso são o que Charaudeau vai chamar de “organização das finalidades discursivas do ato de comunicação”, é por meio deles que o locutor organizará sua finalidade discursiva através dos princípios de Organização. Para Charaudeau (2014: 74), “cada um desses modos propõe, ao mesmo tempo: uma organização do “mundo referencial”, o que resulta em lógicas de construção desses mundos (descritiva, narrativa, argumentativa); e uma organização de sua “encenação” (descritiva, narrativa, argumentativa)”.

Para que haja “mise-en-scène” o locutor utilizará os Modos de organização do discurso para produzir sentido através do texto; é por meio dessas organizações lógicas que será estabelecido *O que dizer? Para quem dizer?e Como dizer?* Por isso, tomar conhecimento e tentar compreender os modos de organização do discurso é fundamental para estabelecer o ato comunicativo.

Segundo Charaudeau (2014), descrever é objetivar o mundo a partir do ponto de vista de quem o observa, a descrição é responsável pela nomeação, localização e qualificação de seres e objetos. O ato de descrever encontra-se presente em vários tipos textuais, pois, à medida que caracterizamos uma personagem e a nomeamos, estamos, de certo, descrevendo-a. Para Charaudeau, (2014: 111) [...] “descrever consiste em ver o mundo com um “olhar parado” que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam”.

O Modo descritivo constitui-se sob uma construção que apresenta três componentes autônomos e indissociáveis, são eles: nomear, localizar-situar e qualificar. Todo processo descritivo estará ligado a esses componentes, pois são eles que dão unidade de sentido à construção descritiva.

Nomear é dar existência a qualquer ser ou coisa. É a partir desta nomeação que os seres e objetos são diferenciados e passam a existir significativamente no mundo em que habitam. Ao descrever nomeando, o sujeito recorta o mundo sob seu ponto de vista, fazendo o recorte necessário a sua leitura. Então,

Nomear é dar existência a um ser (qualquer que seja a sua classe semântica) através de um dupla operação: perceber uma diferença na continuidade do universo e simultaneamente relacionar essa diferença a uma semelhança, o que constitui o princípio da classificação.

Descrever consiste, então, em identificar os seres do mundo cuja existência se verifica por consenso (ou seja, de acordo com os códigos sociais). No entanto, essa identificação é limitada, e mesmo coagida pela finalidade das Situações de comunicação nas quais se inscreve, e relativizada, tornando-se até mesmo subjetiva, pela decisão do sujeito descritor. (CHARAUDEAU, 2014: 112-113)

Localizar-Situar é determinar o lugar e o espaço ocupado por um indivíduo ou objeto que esteja sendo narrado por um sujeito qualquer. Este componente contribui para dar a unidade de sentido necessária de que um texto precisa. É através das atribuições sobre tempo e espaço que sujeitos destinatários podem devanear e construir mentalmente seus próprios espaços a partir do que lê. Para Charaudeau,

Localizar-Situar é determinar o lugar que um ser ocupa no espaço e no tempo e, por um efeito de retorno, atribuir características a este ser na medida em que ele depende, para sua existência, para sua função, ou seja, para a sua razão de ser, de sua posição espaço-temporal. (2014: 113)

Qualificar diz respeito ao que o sujeito enunciatador enxerga do mundo, pois atribui características a seres e objetos a partir de seu ponto de vista. É uma forma de referenciar o mundo em que habita e auxiliar o sujeito destinatário a direcionar sua leitura para onde o enunciatador deseja. Assim, as qualificações marcam, também, personagens e induzem a respeito do que deve ser pensado sobre eles. Vejamos:

Qualificar, portanto, assim como nomear, é reduzir a infinidade do mundo, construindo classes e subclasses de seres. Mas enquanto a denominação estrutura o mundo de maneira não orientada, em “constelação de seres”, a qualificação atribui um sentido particular a esses seres, e isso de maneira mais ou menos objetiva. Qualificar é, então, uma atividade que permite ao sujeito falante manifestar o seu imaginário, individual e/ou coletivo, imaginário da construção e da apropriação do mundo [...] num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias ao sujeito. (CHARAUDEAU, 2014: 115-116)

Pode-se dizer que descrever é atribuir sentido as coisas, denominar seres e objetos, imprimir ao mundo uma realidade paralela por parte de quem a vê. É, também, imprimir uma marca de objetividade ou subjetividade fixando seres e objetos para “sempre”.

Assim como o modo de organização descritivo, o modo de organização narrativo também versa sobre conceitos para organizar o discurso, só que, na lógica narrativa. Este modo de organização preocupa-se em pontuar, principalmente, os actantes do discurso, seus processos e suas sequências.

A função do narrativo é a de fazer os indivíduos descobrirem um mundo construído no desenrolar da trama narrativa, fazendo com que os sentidos reais se entrelacem aos seus devaneios e assim, as ações se influenciem na construção das sucessões descritas, trazendo um encadeamento progressivo às sequências apresentadas.

Para que se tenha uma boa narrativa, é preciso organizar-se dentro desta lógica narrativa. Ou seja, essa trama ou história deve ser construída de acordo com suas particularidades, com a ajuda dos componentes e procedimentos da lógica narrativa. Os componentes da lógica narrativa são de três tipos: actantes, processos e sequências.

Os actantes ocupam as posições das personagens e seus devidos papéis dentro da trama narrativa. Pode-se ter um actante que age ou um actante que sofre a ação. Para Charaudeau (2014), se o actante age, ele pode ser: agressor, benfeitor, aliado, oponente ou retribuidor, e pode realizar as ações de maneira voluntária, involuntária, direta ou indireta. Mas, se o actante sofre a ação ele é vítima ou beneficiário e reage por fuga, resposta ou negociação, mas se o actante beneficiário reage, ele o faz por retribuição ou recusa. Em relação aos tipos de qualificações podem ser: positivas ou negativas.

Já os processos dizem respeito às ações dos actantes, pois estão diretamente ligados ao que os actantes devem fazer para que haja de fato uma sequência narrativa. Charaudeau afirma que “os processos podem ser considerados como a semantização das ações em relação com a sua função narrativa. As funções narrativas estão em estreita relação com os papéis narrativos dos actantes, que se determinam reciprocamente”. (2014: 163)

Ou seja, os processos são as determinações de quais atividades serão feitas pelas personagens da trama, assim os processos estão ligados a intencionalidade de determinada personagem. Numa mesma sequência narrativa, encontramos diferentes actantes realizando distintos processos narrativos, e isto depende da função que cada actante desempenha na narrativa.

Assim, “são as sequências que darão o encadeamento na progressão narrativa; seu sentido está relacionado à sucessão de motivos dirigidos a um fim, o qual se inscreve num projeto humano” (Charaudeau, 2014: 166). Os acontecimentos giram em torno de um princípio de intencionalidade, estes acontecimentos reagrupam-se em sequências e podem ocorrer num enquadramento espaço-temporal, segundo um princípio de localização.

Charaudeau afirma que a sequência deve ser motivada, para ele é através da motivação que a narrativa constrói sentido numa sequência de ações com uma finalidade, porque esta motivação é a intenção do sujeito na construção de um projeto de fazer, e todo fazer humano é intencional.

Para o autor, é o princípio de intencionalidade que ordena toda sequência narrativa; o princípio de coerência junto ao de intencionalidade produz as sequências num encadeamento e o princípio de localização intervém para fornecer pontos de referência à organização da trama narrativa.

Nota-se que para gerar a encenação narrativa é preciso conhecimento adequado de tudo que faz parte da organização da lógica narrativa, para que se possa compreender o posicionamento do narrador e leitor ao longo do texto. É através deste encadeamento

progressivo que a leitura se constrói num laço coesivo dando unidade de sentido àquilo que é narrado e lido.

Referenciação

É através de textos que nos comunicamos, é ele o elemento fundamental para que haja interação. É nele que ocorre todo desenvolvimento da encenação comunicativa, por isso, estudar seus mecanismos coesivos é bastante relevante para sua compreensão. Os elementos coesivos são as unidades que, ao se entrelaçarem num movimento linear, trazem significado e sentido ao que de fato se quer dizer. Eles auxiliam no desenrolar e movimento do texto, fazendo com que não haja perda nem desvio da intenção no querer-dizer.

Esses elementos coesivos que trazem ao texto unidade de sentido são os elementos de coesão textual, que além da relação texto/contexto, dão a devida coerência a todo enunciado. Um desses mecanismos coesivos é a referenciação, que auxilia no encaminhamento da leitura através de seus mecanismos referenciais. Os elementos de referenciação estão presentes em todos os gêneros textuais, pois é através deste mecanismo que introduzimos, renomeamos e mantemos os *objetos do discurso*.

Para Koch e Elias, referenciação diz respeito às “diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial”. (2010: 123). Para que esta atividade discursiva seja utilizada ou reconhecida é necessário construir os referentes textuais nas estratégias de referenciação. São elas: introdução (construção), retomada (manutenção) e desfocalização. Nas palavras de Koch e Elias:

Introdução (construção): um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa é posta em foco, ficando esse “objeto” saliente no modelo textual. Retomada (manutenção): um “objeto” já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco. Desfocalização: quando um novo objeto de discurso é introduzido, passando a ocupar posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (stand by), ou seja, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário. (2010: 125-126)

A introdução de referentes no texto pode ocorrer de duas formas: ela pode ser uma introdução não-ancorada (quando introduzimos um novo *objeto de discurso* ao texto) ou uma ativação ancorada (quando introduzimos um novo *objeto de discurso* ao texto, mas com alguma associação a outro elemento presente no texto).

Além desses dois, temos o que Koch e Elias vão chamar de “anáforas indiretas que se caracterizam pelo fato de não existir no contexto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar de âncora e que é decisivo para a interpretação” (2010: 128). Ainda, pode-se falar da introdução ancorada de novos *objetos de discurso*, as nominalizações ou rotulações que ocorrem quando se estabelece, por meio de um sintagma nominal, a transformação de enunciados anteriores em *objetos de discurso*.

É notório, a importância de conhecer os mecanismos de referenciação, pois são através deles que podemos marcar, introduzir e renomear os *objetos de discurso*, porque esses elementos amarram as ideias do texto, fazendo com que tais elementos se completem dando a devida coerência para leitura e interpretação.

Leitura de Imagens

As imagens são elementos fundamentais de interação, pois estão presentes em diversos tipos de gêneros textuais; são, também, através delas que acontecem as comunicações. Elas são substanciais na vida de todo indivíduo, por isso, seu estudo é importantíssimo no processo de leitura e interpretação de textos, pois muitos textos são organizados em uma composição verbo-visual; e a parte visual é fundamental para análise e leitura.

Infelizmente, o processo de leitura e letramento imagético não é tão valorizado no meio escolar e nem no meio acadêmico, com isto, há certa dificuldade na leitura e interpretação de gêneros textuais que apresentam uma relação de complementaridade na parcela verbal e parcela visual do texto. Os gêneros tirinhas e histórias em quadrinhos são exemplos de textos compostos por parcela verbal e visual, por isso, precisam de uma análise em sua totalidade, e não uma análise apenas da parte verbal, visto que o texto verbo-visual não deve ser analisado em parcelas.

É importante que se possa reconhecer que imagens são textos e sua leitura deve ser ensinada, pois as imagens são, também, elementos de coesão e trazem consigo “elos” coesivos para dar o encadeamento e direcionamento aos textos. Muitas vezes, é através delas que o sentido da narrativa se constrói, porque nas Histórias em Quadrinhos (HQ), por exemplo, o narrador é construído através das imagens, assim como a apresentação de muitos actantes. Lucia Santaella vai dizer que

[...] a alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz

no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (2012: 13)

Há uma necessidade deste alfabetismo crítico em relação à leitura de imagens, para que se possa reconhecer nos próprios traços imagéticos a importância e significação de determinada imagem em determinado contexto. Este alfabetismo contribuirá numa melhor desenvoltura e interpretação de textos visuais ou verbo-visuais.

Estimular a leitura de imagens é um facilitador, pois ela é sempre carregada de intencionalidade e auxilia muito no entendimento de um texto. Prestar atenção nos elementos de construção das imagens é importantíssimo, pois são através deles que se pode conhecer um pouco da história que uma imagem carrega. Charaudeau diz que,

[...] Na comunicação icônica (audiovisual, fotografia, pictórica, dentro outras), os processos de construção do sentido, de transmissão do sentido e de interpretação do sentido não são assinaláveis. Isso se dá porque a imagem é o resultado da percepção direta que um sujeito tem do mundo físico, de uma impregnação, no seu cérebro e na sua memória de sujeito, o que produz uma “imagem mental” como primeiro enquadramento do mundo. (2013: 383)

Incentivar e estimular a leitura das imagens é muito importante, pois auxilia a capacidade crítica e reflexiva do leitor em decodificar cada traço trazido nelas. As imagens integram todo processo evolutivo da contemporaneidade, e, por causa das hiperâmídias, vivemos em um mundo cada vez mais imagético.

Entretanto, muitas imagens que acompanham textos verbais nada têm a ver com ele, ou nada acrescentam, por isso, conhecer as relações específicas entre texto e imagem é substancial. Por isso, Santaella (2012) vai dizer que os textos verbo-visuais possuem determinados tipos de relação. Estas relações podem ser sintáticas, semânticas¹ ou pragmáticas.

As relações semânticas são ferramentas essenciais para uma análise da relação da parcela verbal/parcela visual, porque elas investigam a importância das combinações entre estas parcelas do texto e verifica se as combinações trazem a mensagem de forma completa e adequada.

¹Nesta pesquisa, será dada ênfase às relações semânticas, pois são as utilizadas em questão, em especial, as relações semânticas de complementaridade.

As relações semânticas podem ser, de acordo com Santaella (2012), de quatro tipos: de dominância, quando a imagem é superior a informação da parcela verbal do texto; de redundância, quando a imagem não acrescenta nenhuma informação relevante ao texto; de complementaridade, quando parte verbal e parte visual são fundamentais para a compreensão do texto e de discrepância ou contradição, quando texto e imagem nada tem a ver um com o outro.

Assim, é por meio das imagens, também, que nossos pensamentos fluem, crescemos como indivíduos e que aprendemos a interpretar, através de traços, cores, formas, tons, entre outros, o desconhecido. As imagens inspiram e ficam marcadas em nossas memórias, por isso o alfabetismo imagético é tão importante, para tornar o que é polissêmico em tudo aquilo que o contexto permitir.

Análise



Figura 1 – Tirinha do Quino sobre a personagem Mafalda (2012)

A tirinha da Mafalda é caracterizada com um modo de organização, predominantemente, narrativo, pois apresenta os actantes da situação (Mafalda e sua mãe), o processo (a mãe da Mafalda a manda comprar macarrão) e a sequência (a partir do processo a mãe da Mafalda explica que não pode ser qualquer macarrão). Assim, “somos levados a descobrir um mundo que é construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo” (Charaudeau, 2014: 157).

Nesta narrativa, a mãe da Mafalda é o actante que age, pois é a responsável em executar a ação; já Mafalda é a actante que sofre a ação, pois é sobre ela que esta ação recai. Podemos observar ao longo da narrativa que a mãe da Mafalda é uma actante oponente, pois contraria os projetos de Mafalda; de fazer qualquer coisa que não fosse ir ao mercado. Sendo

assim, a mãe age de maneira voluntária porque está consciente do que está pedindo a filha, ou seja, seu ato é intencional. Pode-se dizer que Mafalda se faz de actante “vítima”, pois não poderá fazer o que deseja, já que, terá que ir comprar o macarrão.

O processo dá-se quando a mãe de Mafalda diz à filha que deseja que ela compre macarrão, assim percebe-se que a realização do ato pelo actante que age recai sobre Mafalda, pois é ela quem deverá sair de casa para comprar o que a mãe deseja, ou seja, Mafalda resolverá o “problema” de sua mãe, pois irá comprar o macarrão. Percebemos que o pedido feito, foi atendido.

Especialmente nas tirinhas, o narrador é construído através das ilustrações. Nem sempre ele está “visível” na leitura superficial.

Como se pode perceber, o gênero em questão é uma narrativa, entretanto, o modo de organização descritivo se faz presente, principalmente, para a caracterização das personagens e de objetos. Os modos de organização costumam encontrar-se nas encenações comunicativas. Por isso, Charaudeau afirma que

O Texto é a manifestação material (verbal e semiológica: oral/gráfica, gestual, icônica etc.) da encenação de um ato de comunicação, numa situação dada, para servir ao Projeto de fala de um determinado locutor. Ora, como as finalidades das Situações de comunicação de fala são compiláveis, os Textos que lhes correspondem apresentam constantes que permitem classificá-los em Gêneros Textuais. Os gêneros textuais tanto podem coincidir com um Modo de discurso que constitui sua organização dominante quanto resultar da combinação de vários desses modos. (2014: 77-78)

Na tirinha apresentada acima, podemos encontrar o modo de organização descritivo quando a mãe da Mafalda descreve para ela como deve ser o macarrão que ela quer. Vejamos: “[...] tem que ser macarrão de semolina... Nem muito grosso, nem muito fino, nem muito amarelo [...], nem muito branco [...]”. Ao nomear o que quer, a mãe de Mafalda atribui várias características ao alimento, ou seja, ela está situando à filha sobre o que deseja, além de qualificá-lo, pois atribui um sentido particular a ele. Assim, Charaudeau vai dizer que “o descritivo não se contenta em servir o narrativo, como se diz frequentemente, mas dá sentido a este último” (2014: 112).

Quando a mãe de Mafalda diz à filha que deseja que ela compre macarrão está introduzindo na narrativa um *objeto de discurso* novo, ou seja, está utilizando uma estratégia de referenciação e utiliza as características do macarrão que ela deseja para fazer uma manutenção do *objeto* que ela acabou de incluir, dando as devidas características a este

macarrão: “[...] as formas de referenciação são as escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer-dizer” (Koch e Elias, 2010: 124). Pode-se relacionar esta nomeação e qualificação aos procedimentos linguísticos do modo descritivo para nomear e para qualificar descritos por Charaudeau.

Importante ressaltar que as próprias ilustrações dos quadrinhos são, também, elementos de referenciação, pois, as imagens das personagens postas em todos os quadrinhos fazem a manutenção dos actantes em questão através do que está sendo visto, neste caso, Mafalda e sua mãe. E, no último quadrinho, temos a introdução de um novo referente que é a amiga da Mafalda que a chama para brincar. Aqui fica claro que imagens também são elementos referenciais.

Neste gênero textual, a imagem é peça fundamental, pois sem ela não haveria sentido completo. A linguagem verbal e a não verbal se entrelaçam num movimento de complementaridade dando sequência e coerência a todas as ações presentes no texto. Isto é percebido na fisionomia atenta de Mafalda ao observar calmamente o que sua mãe pede.

No último quadrinho, percebe-se, pela feição da personagem, o quão importante era o que a mãe pedira, por isso, faz relação ao estudo, quando diz: “Acabei de ganhar uma bolsa para estudar macarronologia”. Nota-se aqui, que as unidades só fazem sentido através deste “laço” coesivo que se dá entre parcela verbal e parcela visual, fazendo com que seus sentidos possam ser completamente interpretados.

Considerações finais

Os textos são fundamentais para que a comunicação no dia a dia se concretize; saber interpretar e decodificar os dizeres presentes nas entrelinhas do texto é fundamental para sua leitura e compreensão. A apropriação e o conhecimento de conceitos relacionados ao ensino de leitura são essenciais para a formação dos docentes, pois são eles que, de forma simplificada, auxiliam o alunado no processo de leitura de textos.

O processo de leitura e interpretação de texto não é tão simples quanto parece, pois é preciso identificar a finalidade discursiva de um texto para que se possa dar a ele unidade de sentido. Os processos de referenciação, os modos de organização do discurso e as relações texto/imagem são essenciais para que se tenha uma interpretação total do texto em questão. Conhecer e identificar estes processos auxiliará na leitura crítica e reflexiva dos interpretantes do discurso, dando coerência e sentido a enunciação comunicativa. Assim,

[...] O ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o Objeto do Conhecimento é o do que fala a linguagem através do como fala a linguagem, um constituindo o outro (e não um após o outro). O mundo não é dado a princípio. Ele se faz através da estratégia humana de significação. (CHARAUDEAU, 2014: 20)

O conhecimento e estudo dos modos de organização descritos por Charaudeau são essenciais para que se possam conhecer os mecanismos de produção de sentido nos discursos. São esses modos que direcionam e encaminham a leitura e produção dos textos. Por isso, se pode dizer que os modos de organização do discurso, em especial, nesta pesquisa, o narrativo e o descritivo, se complementam dando a devida unidade de sentido a encenação comunicativa.

A nomeação, manutenção e retomada, estratégias de referenciação, são primordiais na interpretação de texto, pois como foi visto, é esta estratégia textual que auxilia o leitor a tecer o texto, linha a linha, dando à coerência necessária a interpretação de qualquer texto.

Reconhecer que as imagens são textos e que elas podem ser interpretadas por si só, estimula, não só a capacidade criativa de todo indivíduo, como também auxilia na percepção dos objetos de discurso na construção de sentido em textos visuais.

Perceber, nos textos verbo-visuais, a importância tanto da parcela verbal, como da parcela não verbal facilita a leitura e compreensão destes gêneros textuais, porque, como foi visto; as unidades interpretativas só serão lidas em sua totalidade se, parte verbal e parte visual forem interpretadas de forma conjunta, pois ambas as partes se complementam para trazer sentido a qualquer gênero textual sincrético.

A leitura de tirinhas é, além de divertida, importante para o crescimento de qualquer leitor, porque ensina, através dos “quadrinhos”, que as narrativas curtas, trazem diversos elementos em sua composição que dão sentido, de forma irônica e cômica, sobre problemáticas sociais que estão presente na cultura de qualquer indivíduo.

Por isso, ler é fundamental à sobrevivência humana. A leitura abre um mundo do qual jamais sairemos, é por meio dela, também, que se constrói e se atribui sentido a tudo que nos rodeia. Portanto, incentivar a interpretação de textos é a liberdade cognitiva da qual se precisa todo indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: *Imagem e Discurso*. 1. ed. (Orgs) Ida Lúcia Machado, Helcira Lima e DyliaLysardo Dias. Belo Horizonte: NETII, 2013, p.383-405.

_____. *Linguagem e discurso – modos de organização*. 2. ed. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore e Elias, Vanda. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens – como eu ensino*. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012a.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2012b.

Créditos da Imagem

http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2012/10/tirinha-557.html#.V_UtEZiE2TI. Acessado em: 08/06/2016